



**Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:**

**Resumo**

**Relato de Caso**

**DO CAMPO DO SAGRADO PARA O CAMPO DO PROFANO – a migração das devoções, do religioso para o turístico, de Maria Elizabeth a “Mariazinha” Penna**

**AUTOR PRINCIPAL:** Francielle Moreira Cassol

**ORIENTADOR:** Gizele Zanotto

**UNIVERSIDADE:** UPF

**INTRODUÇÃO**

A turistificação da devoção a Maria Elizabeth de Oliveira e a “Mariazinha” Penna – trata da recente mutação dos rituais, do campo do religioso para o campo do turismo econômico e cultural. Assim, visa-se analisar estas enquanto Patrimônios Imateriais, bem como sua possível mercadilização através da migração para o campo do turismo, que se apresenta hoje como uma nova possibilidade de leitura do evento-devoção. Sendo assim, pretende-se dissertar sobre estas devoções migrantes buscando averiguar se hoje elas tem se caracterizado como um patrimônio turístico e/ou como um patrimônio não-mercadilizado. Ao estudar a história das crenças nas “santas” se objetiva também entender o lugar que estas expressões culturais do patrimônio de uma parcela da sociedade ocupam na atualidade. Nesse contexto, o presente estudo justifica-se na medida em que enfatiza o estudo dos estilos de fazer e lidar com as vicissitudes que fazem parte do cotidiano.

**DESENVOLVIMENTO:**

Maria Elizabeth de Oliveira nasceu na cidade de Passo Fundo, no dia 6 de fevereiro de 1951. A breve vida de Maria Elizabeth segundo registros destacou-se, entre outros, por participar de modo intenso da vida religiosa cidadina e da moral pregada pelo catolicismo, visto que, além de participar de coral religioso, também auxiliava os padres, na Igreja Matriz Santa Terezinha. Em 1965 ano de seu falecimento, os pais de M. E. mudaram para a cidade, vindo a residir na Av. Presidente Vargas, local que viria a ser o lugar onde a menina sofreria um acidente em 28 de novembro daquele ano. No dia de sua morte, M. E. encontrava-se com um grupo de amigas, na esquina da Av. Presidente, quando em torno das 15hs de um domingo, uma Kombi, dirigida por Gentil Lima subiu a calçada desgovernadamente, atropelando o grupo de jovens que ali se encontravam. Logo após o ocorrido, a história de que M. E. havia previsto sua própria morte, escolhido seu caixão e a roupa que “usaria por toda a eternidade” e a aceitado abnegadamente espalhou-se rapidamente tornando a mesma, a partir deste momento digna de devoção popular.

A partir do livro, “Mariazinha Penna – a predestinada”, conhecemos a vida da santa popular santamariense por meio de entrevistas, mas também, com pessoas próximas da mesma. Assim podemos entender a devoção a Mariazinha, visto que, salienta a postura de vida singular da mesma, evidenciando o final da doença em que a mesma além de aceitar seu fim fatídico (“uma heroína na dor”), também confortava seus amigos e familiares a respeito de sua dor e consequente morte. A história da suposta santidade de “Mariazinha” reside em seu exemplo perante o enfrentamento de um câncer; mesmo poucos anos depois da morte da mesma, “comentavam que era intensa a romaria de pessoas à sua sepultura, pedindo ou agradecendo intercessões”.

Ao analisarmos estas duas devoções e as memórias dos devotos sobre as mesmas buscamos compreender diferentes lógicas que estão em jogo na ação e representação de diversos grupos sociais. Nesse contexto, o turismo religioso ocorre quando a festividade, o lazer e o consumismo transcendem o campo do sagrado, da espiritualidade. Para Andrade, o conjunto de atividades com a utilização parcial ou total de equipamento e a realização de visitas e receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões, denomina-se como turismo religioso. Entendemos que a conexão turismo-religiosidade é nodal para refletir-se sobre algumas das mudanças culturais mais amplas da sociedade. Para Steil, o significado do turismo religioso se dá quando o sagrado migra como estrutura para o cotidiano, quando, enfim, os turistas passam a vivenciar esses eventos não mais somente vinculados às tradições religiosas, mas como uma experiência singular, espiritual e ao mesmo tempo consumista. A simples atração pelo festejo gera uma demanda para a localidade em que ocorre, pois esta será conhecida e lembrada pelo evento. Sendo assim, o turismo religioso funcionará ou não como uma forma de estímulo à construção de uma identificação positiva da comunidade, configurando-se como uma fonte de autoestima.

## **CONSIDERAÇÃO S FINAIS:**

Nesse contexto, podemos entender que o que passa a ter valor na sociedade contemporânea e ser dominante é o presentismo e, assim, o que se pode comprar, como uma experiência turística, por exemplo. Além disso, o assistir ao evento sem uma relação mais íntima de apropriação do patrimônio pelo turista não-devoto nos traz mais uma das perspectivas das contemporâneas relações entre devotos-turistas-romeiros. A mística da peregrinação hoje nos demonstra “uma reação que traz a religião do espaço privado para o público”.

## **REFERÊNCIAS**

ABELIN, Leyda Tubino. Mariazinha Penna: a predestinada. Porto Alegre: Ed. Nova Dimensão, 1988.

ANDRADE, José Vicente. Turismo Fundamentos e Dimensões. São Paulo: Ática, 2000.

CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. Novas peregrinações Brasileiras e suas interfaces com o turismo. Ciências Sociais e Religião. Porto Alegre, ano 6, n. 6, out., 2004.

MONTERO, Paula. Magia, Racionalidade, Sujeitos Políticos. Portal das Ciências Sociais Brasileiras. RBCS, n.26, Ano IX, Outubro de 1994. Disponível em [http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=211:rbc-26&catid=69:rbc&Itemid=399](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=211:rbc-26&catid=69:rbc&Itemid=399)

**NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA ( para trabalhos de pesquisa):** Número da aprovação.